



Lídia Jorge

O Jardim Sem Limites

Publicações Dom Quixote

Lisboa dos anos oitenta habita e pulsa nas páginas de *O Jardim Sem Limites*, de Lídia Jorge, obra que se propõe caldear situações reais com os labirintos fascinantes da transfiguração. Um romance sobretudo protagonizado por «uma juventude sem diálogo possível com o passado». Uma narrativa dinâmica no jogo renovado das palavras, no discreto e encantatório recorte literário a que Lídia Jorge habituou os leitores desde a sua estreia como escritora, assinando *O Dia dos Prodígios*, que logo haveria de afirmar como um caso sério na ficção portuguesa.

Serena, discreta, crescendo, segura, no domínio da técnica e na compreensão do seu próprio mundo interior, de forma a melhor poder chegar aos outros, Lídia Jorge surgiu, depois, com *O Cais das Merendas*. Em 1984, *Notícia da Cidade Silvestre* arrebatou o público, e os críticos mais experientes renderam-se-lhe. A propósito deste livro escreveu, então, João Gaspar Simões: «Não pode haver dúvidas. Lídia Jorge é o maior prodígio das letras pátrias neste último quartel do século.» Tão prodigiosa na arte de entrelaçar a palavra como na observação dos sinais dos tempos e no saber estar por dentro das mudanças, mesmo quando a perplexidade se interpõe entre o objetivamente admissível e o absurdo.

A inquietude será, porventura, uma das mais fortes armas da autora de *O Jardim Sem Limites*. Inquietude enquanto sinónimo agudo de um olhar sem fronteiras, observador e ansioso, recetivo e analítico, sem profecias mas atuante, desejando

participar e partilhar a responsabilidade de viver individual e coletivamente. Este romance de Lídia Jorge é o «jardim sem limites» que, de algum modo, os anos oitenta traduzem, em face das mudanças radicais de valores. Foi uma década marcante. «Desapareceu o Muro de Berlim da cabeça das pessoas, por exemplo. Deu-se uma reviravolta nos pensamentos e referências. Emergiu a ideia pragmática da economia a determinar o mundo. Criou-se o *homem de sucesso*. Implantaram-se as empresas poderosas e sem rosto», sublinha.

O Jardim Sem Limites demorou três anos a ganhar corpo e alma. Lídia Jorge agarra Lisboa de finais dos anos oitenta. Põe uma personagem sem nome a desfiar as vivências da Casa de Arara. Uma casa de hóspedes de «onde se viam pela manhã os batelões subirem Tejo dentro, arrastando as gigantescas cargas». Uma casa em que se misturam muitas casas. Ruas, avenidas, sítios de muitas confluências.

É a rapariga da máquina *Remington* a teclar, passivamente, a colheita do seu olhar. Vê, escreve, conta. Vai repercutindo sentimentos, hábitos, ímpetos, enigmas, factos, espantos, cumplicidades.

Um romance cheio de gente. Grupos de jovens, fundamentalmente. Filhos de família, que se automarginalizaram. O dilema de uma dada inocência, de uma ânsia ilimitada de descobertas. «Jovens que a dado momento desfrutaram de uma vida mais fácil do ponto de vista material, e, quando desejaram descobrir um percurso, não conseguiram, passando a descobrir-se a si próprios, sem referências. E vão até ao fim nesse vazio». Chegam a desafiar o *Static Man* ("homem estátua") para que os siga. Mas este não lhes obedece. Prefere sucumbir. Pressentem o apocalipse. Uns morrem. «Os que sobrevivem dormem juntos, como se um anjo passasse e tivessem medo».

Lídia Jorge faz a síntese de *O Jardim Sem Limites*: «É um livro de desculpabilização. A própria rapariga que narra os factos não reage, junta-se-lhes, e dormem os quatro». Argumenta em sua defesa: *Podem agora percorrer, letra a letra, os quatrocentos e trinta e sete artigos do Código Penal. É escusado. Limitei-me a assistir para conhecer. Não sou culpada.*